

6^a JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Duas Comunidades Beneditinas femininas em Viana do castelo: Duas Interpretações Artísticas

Isabel Maria Ribeiro Tavares de Pinho

Doutora pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O século XVI, o alto renascimento europeu nos planos culturais e artísticos, foi em Portugal um período de desenvolvimento administrativo/político e socioeconómico. O país estava muito mais sensível aos aspetos financeiros e aos seus benefícios, deixando as artes e as letras para pequenas bolsas de eruditos. Isto tornava-se evidente à medida que nos afastássemos da capital e das cidades de influência mecenática. O conservadorismo, sobretudo na arquitetura, manteve-se na memória, combinando temas glorificantes do então mundo português. Uma nova burguesia mercantil emergia e derrubou as velhas estruturas medievais. É no plano urbanístico e devido a esta nova era que se começa a sentir a viragem renascentista. Iriam ser as cidades portuárias as primeiras a sentir as consequências dos novos conceitos económicos. As zonas ribeirinhas pulsavam com novas energias e coloriram-se de mercadorias, gentes e línguas, modificando inevitavelmente as fisionomias das cidades que lhes serviam de cenário. Em resposta as áreas urbanas cresceram para além da cintura medieval.

Viana do Castelo, geograficamente muito a norte e num tempo em que as vias de comunicação para o interior não tinham significado, voltou-se naturalmente para o Atlântico, criando ligações privilegiadas de comércio com o exterior. Para sul, ao longo da costa não iria além de Aveiro e foi especialmente com a Europa que estabeleceu muito cedo laços comerciais marcantes. À medida que os conhecimentos de marinhagem evoluíram, foi avançando mais para o norte europeu. A arte de navegar trouxe a Viana uma outra compensação, a construção naval, de que a cidade se orgulhou durante décadas, apesar do seu porto duplamente perigoso. Se por um lado dificultava a circulação naval, sobretudo a acostagem, requerendo especialistas, por outro, auxiliava na defesa contra a pirataria muito ativa por razões óbvias. Devido a uma barra cheia de escolhos, provocando correntes mortais, as mercadorias de toda a sorte tinham de ser transferidas fora do porto. Apesar das tentativas de melhoria nas condições de acesso e de defesa, que não surtiram grandes efeitos, os vianenses continuaram preferencialmente voltados para as atividades

6^a JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

marítimas, acrescentando o comércio com as ilhas Atlânticas e depois o Brasil. O comércio com as Índias orientais teve pouca expressão como se compreende pela geografia. As sucessivas fases financeiras tiveram naturalmente reflexo na vida social espelhada na forma de viver e de o demonstrar.

Aquela explosão mercantil abriu uma imensa brecha na sociedade. A estrutura social a norte de Portugal era essencialmente dominada por uma nobreza rural que não primava pela cultura, salvo raríssimas exceções, mas se orgulhava dos nomes que entroncavam nas velhas cepas condais e nas terras que, não sendo latifúndios, eram demonstração de poder. Agora teriam de lutar com aquela burguesia, por um lugar na nova ordem socioeconómica. Paralelamente os princípios medievais da família são mantidos ferozmente, eles reveladores do estatuto que se quer manter ou aceder. É neste cenário que surgem no novo espaço urbano de Viana do Castelo dois mosteiros da mesma Ordem, beneditina, ambos femininos. Caso raro. Não se tratando especialmente de uma devoção, até porque a Ordem de S. Bento estava em declínio, mas de desafio e rivalidade. As ambições terrenas trouxeram, no entanto, funestas consequências para um deles e não para os que ansiosamente que se queriam cobrir de prestígio, mas para as que, sem alternativa, arcaram com a obrigação de ali se manterem.